

Valente de Oliveira promete para 1990

Investigação científica terá 1 por cento do PIB

O ministro do Planejamento e Administração do Território, Valente de Oliveira, revelou ontem, no Porto, que «será atribuído em 1990 um por cento do PIB ao sector da ciência e tecnologia».

«Isto coloca-nos — acrescentou — no limiar do espectro onde se situam os países desenvolvidos que tomam as coisas da investigação científica a sério».

Valente de Oliveira, acompanhado dos secretários de Estado da Ciência e Tecnologia e do Ensino Superior e ainda do presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnologia proferiu ontem na Reitoria da Universidade do Porto uma palestra sobre «política de investigação e desenvolvimento e utilização de fundos comunitários».

Os EUA atingiram, em 1990, o nível de 1 por cento do PIB para o orçamento da ciência e tecnologia, enquanto a percentagem média relativa actual dos países da CEE é de 1,8 por cento.

«Investir na ciência e tecnologia — disse Valente de Oliveira — é sobretudo um esforço de resultados a médio e longo prazos pelo que entra em conflito, facilmente, com outras escolhas mais facilmente reprodutíveis».

Acrescentou que, «para alcançar esta meta em 1990, muito ajudaria se conseguíssemos progressos visíveis, em 1988 e 1989, quanto aos projectos entretanto subsidiados, se forma de apresentação e justificação desses projectos e, ainda, quanto à organização dos meios para os realizar».

O ministro referiu-se ao esforço governamental no sector sublinhando que o

PIDDAC da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT) «apesar das contracções a que a despesa pública tem de ser submetida» aumentou mais de 31 vezes de 1985 para 1988.

Em 1985, a dotação para a JNICT foi de 100 mil contos, em 1986 de 930 mil, em 1987 de 2.010 milhões e, este ano, é de 8.135 milhões de contos.

A despesa pública em investigação e desenvolvimento financiada pelo Orçamento do Estado triplicou, a preços correntes, de 1985 a 1988 (passou de

7.895 milhões para 22.178 no ano corrente).

Valente de Oliveira acentuou, ainda, que a universidade «não está só a cumprir as funções tradicionais de formação de profissionais de alto nível como está, também, a despertar para a nova realidade que os circunda e que está em acelerado movimento de mudança».

Promoção de gestores

O membro do Governo ajudou ao programa do XI Governo na matéria e lembrou que ele aponta para o aproveitamento e valoriza-

ção do conjunto dos recursos nacionais de todos os tipos, a promoção da ino-

vação e a contribuição nacional para a expansão do saber.

«Para tal — frisou — é necessário naturalmente investir em infra-estruturas

e equipamentos, robustecer a capacidade da comunidade científica em número, formação e actualização».

Acrescentou ser também necessário começar a introduzir novas formas de coordenação que passem pela disponibilidade de instrumentos de gestão, bem como introduzir novos hábitos de avaliação que garantam que as escolhas de apoio foram as mais ajustadas.

Entre os objectivos do XI Governo, o ministro enumerou o estímulo a investigação executada nas empresas ou por estas financiada, o apoio a investigação fundamental, a promoção da investigação aplicada a partir das necessidades dos utilizadores e o aumento significativo dos efectivos da comunidade científica.

Outros dos objectivos referidos por Valente de Oliveira foram os de promoção de gestores de ciências e tecnologia, a aprovação de um estatuto-quadro de carreira de investigação científica, os estímulos à procura científico-tecnológica, o envolvimento de instituições financeiras no processo de inovação e o encorajamento da participação portuguesa em programas científicos internacionais.

Investigação é esperança para 1990

Daqui por dois anos será atribuído ao sector da tecnologia e ciência um por cento do PIB (Produto Interno Bruto). A revelação foi feita pelo ministro do Planeamento e Administração do Território, na reitoria da Universidade do Porto, onde proferiu uma palestra sobre «Política de investigação e desenvolvimento e utilização dos fundos comunitários».

No entender do ministro Valente de Oliveira, Portugal ficará, em 1990, no «limiar do espectro onde se situam os países desenvolvidos que tomam as coisas da investigação científica a sério».

«Investir na ciência e tecnologia é sobretudo um esforço de resultados a médio e longo prazos, pelo que entra em conflito, facilmente, com outras escolhas mais facilmente reprodutíveis», recordou Valente de Oliveira.

O titular da pasta do Planeamento acrescentou que «para alcançar esta meta em 1990, muito ajudaria se conseguíssemos progressos visíveis, em 1988 e 1989, quanto aos projectos entretanto subsidiados e à organização dos meios para os realizar».

Investigação científica